



Lavinia Moraes é uma mulher negra, pedagoga pela UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), pós-graduada em sociologia da infância e educação infantil e mestra em Educação pela mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional e Políticas Públicas (PPEGE-UESC). Estuda racismo na infância, relações raciais, crianças e infâncias negras e políticas públicas educacionais.

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE nº 75767923.2.0000.5526)

Colaboradores: Pesquisa feita em rede entre Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da UESC, UFSCar, UFPR, UFPA, UFTM, UFCG e PUC Goiás

Apoio: Capes

Dezembro, 2025
Coordenação editorial: Leticia Costa
Coordenação técnica: Amanda Queirós
Edição: Gabriel Alves
Design: Chão



O conteúdo deste estudo é de responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões das organizações que que integram o Núcleo Ciência Pela Infância.

Educação antirracista precisa começar na primeira infância

Em uma pré-escola do campo em Ilhéus, no sul da Bahia, crianças negras de apenas cinco anos expressam resistência em relação à cor da pele e ao cabelo e evitam materiais que as representem. Esta pesquisa mostra que o racismo atravessa o cotidiano escolar mesmo em comunidades majoritariamente negras e que práticas pedagógicas, quando planejadas com as crianças, podem transformar esse cenário.

Objetivo da pesquisa

Investigar como as relações étnico-raciais se manifestam no cotidiano de uma pré-escola no campo e cocriar práticas pedagógicas antirracistas aplicáveis à educação infantil

1 Raio-X da região

80%

da população da zona rural de Ilhéus se declara **negra**



2 Como foi feita a pesquisa

1. Tipo de pesquisa: Pesquisa-ação com as crianças — a pesquisadora dialoga e intervém, construindo soluções em conjunto

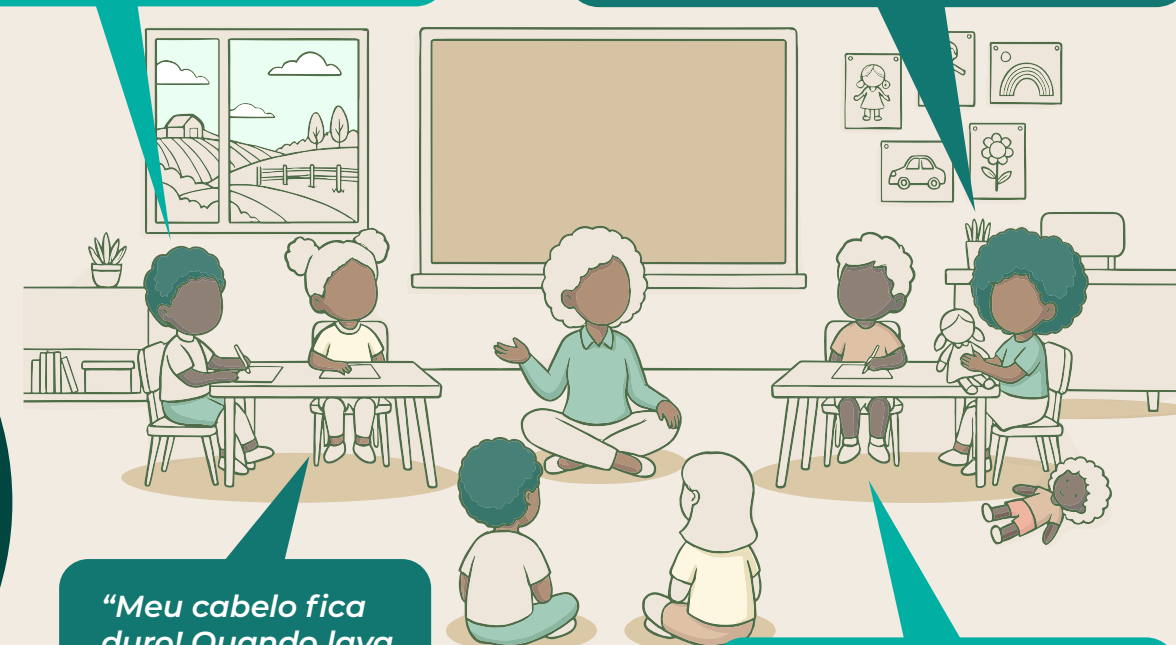
2. Período de coleta: Abril a outubro de 2024

3. Participantes
13 crianças de 5 anos (12 negras e 1 branca) de uma instituição de educação infantil do campo

4. Instrumentos
Rodas de conversa, oficinas brincantes, diário de campo, desenhos, fotografias e registros de áudio e vídeo

"Vai querer que eu pinte mesmo dessa cor? Marrom?! Vai ficar feio!" Zahara, 5 anos

"Não, não! A gente finge que ela (apontando para a boneca branca) é o bebê... e ela (apontando para a boneca negra) é só um brinquedo. Ela fica aqui, só olhando." Dandara, 5 anos



"Meu cabelo fica duro! Quando lava e solta, fica duro." Fayolá, 5 anos

"Você não é negra, você é branca! Você pode ser branca se você quiser." Oyá, 3 anos

3 Resultados observados

Como era inicialmente

- O racismo aparece na recusa em usar o lápis marrom para se autorrepresentar, vergonha do cabelo, e exclusão de bonecas negras em brincadeiras
- Formação docente insuficiente para abordar relações étnico-raciais
- Falta de materiais pedagógicos que representem a diversidade racial

Como foi transformado

- Oficinas brincantes de contação de histórias com bonecas negras
- Momentos de cuidado e celebração dos cabelos crespos e cacheados
- Livro com narrativas das crianças e orientações para educadores
- Escutar crianças para construir políticas de pertencimento e autoestima

4 Recomendações para fortalecer a equidade racial

Garantir a implementação das legislações e diretrizes federais que preveem o ensino de história e cultura afro-brasileira e educação das relações étnico-raciais

Investir em formação de professores e em materiais pedagógicos que valorizem a diversidade racial, cultural e territorial, comprometidos com uma educação antirracista

Incluir indicadores de equidade racial no monitoramento e avaliação da educação infantil, orientando políticas e ações voltadas à justiça racial desde a primeira infância